

Os equívocos no uso do termo Relações Públicas: um título mais extenso que o conteúdo

RESUMO

Este artigo, fundamentado na minha observação participante como profissional e professor da área e com a colaboração da professora Rahde, apresenta alguns usos do termo Relações Públicas que julgo inadequados na linguagem científica e sugere algumas alternativas a fim de aperfeiçoar o código científico desta instituição.

ABSTRACT

This article, is grounded in my participant observation as both a professional and a professor of Public Relations. With the collaboration of Prof. Rahde, it discusses some uses of the term Public Relations which I think are inadequate to scientific discourses about the field. Hence, it suggests some alternatives in order to improve its scientific study.

PALAVRAS-CHAVE (KEY WORDS)

- Relações Públicas (Public Relations)
- Semântica (Semantics)
- Significado (Meaning)

Roberto Porto Simões

Prof. do PPGCom da FAMECOS/PUCRS

Vera Lucia Rahde

Mestranda em Letras-UFRGS

Objetivo

Este artigo tem por objetivo destacar os vieses no campo semântico do emprego do termo Relações Públicas, provocados pelo uso dos elementos morfossintáticos, a saber o, a, os as. O uso destes artigos definidos, variando em gênero e número, omitindo o determinante (ou trazendo implícito o determinante) no uso corrente entre interlocutores, leva a uma redução do entendimento do termo Relações Públicas como ciência, processo e ação. Neste texto proponho algumas idéias que, do referido ponto de vista, representam uma alternativa para solução do problema. Faço isto com a intenção de esquivar-me do papel de um mero repetidor das falas colocadas, procurando colocar-me como um dos críticos da ciência Relações Públicas, pois somente assim, segundo paradigma Popperiano (1974), ela - ou qualquer outra ciência - se desenvolverá.

O problema

O modo atual de tratar o termo Relações Públicas tem levado a incompreensões quanto ao seu significado e ao seu uso e, também, provocado confusões tanto na esfera desta atividade como na sociedade dos leigos.

Conhecer as causas desse fenômeno implica pesquisa histórico-arqueológica a fim de indicar as variáveis geradoras deste fenômeno. Contudo, como se trata de um estudo exploratório, arrisco-me a levantar

algumas hipóteses de que assim se está falando e escrevendo por alguns motivos.

O Relações Públicas

No trabalho diário com a prática de Relações Públicas, mas também no ensino da atividade, tenho observado a tendência de reduzir o designativo do processo e da atividade de Relações Públicas ao termo: o profissional. No ensino da atividade, na primeira aula, aos alunos do quarto semestre – período em que tenho a disciplina Teoria de Relações Públicas -, ao realizar um teste de sondagem, perguntando: O que é Relações Públicas?, tenho deparado com a estatisticamente significativa resposta: “O Relações Públicas é aquele que pesquisa e planeja eventos” ou “O Relações Públicas é o que cuida da imagem da empresa ou, ainda, “O Relações Públicas é o encarregado da comunicação da empresa”.

O mais grave, ainda, são respostas que os alunos dão quando solicito, dramatizando uma situação junto a um empresário que lhes pergunta: O que é Relações Públicas? e Qual o seu objetivo? Os alunos persistem no mesmo tipo de resposta. Explicam sobre o Relações Públicas e, raras vezes, sobre o processo e atividade de gestão do processo.

Além disso, tenho percebido que em artigos e obras sobre o tema, há autores, ao relatar uma explicação sobre o processo e atividade, que reduzem a mesma à proposição “O Relações Públicas faz isto, faz aquilo”. Venho chamando atenção sobre este fato em minhas aulas. Agora levanto o problema para a comunidade de Relações Públicas.

As premissas

Ora, o que se está lecionando na universidade não é absolutamente O Relações Públicas. Ensina-se a ciência,

a teoria, o processo e a tecnologia da atividade de gestão da relação de comunicação e poder no sistema organização-públicos. Não se encontra, na esfera da administração dos processos organizacionais, textos que digam: o “marketeiro”, “o financiador”, “o produtor”, mas sim o processo e a gestão de marketing, de finanças, de produção, de recursos humanos (agora, como moda, a gestão de pessoas) ou, no máximo, estas funções caracterizadas pelo cargo: de diretor, de assessor, de consultor, de gerente, de chefe ou de encarregado.

O mais interessante é que, mesmo nas atividades afins, nos discursos sobre o tema, Jornalismo e Publicidade, os textos se referem ao jornalista e ao publicitário somente em aspectos profissiográficos e éticos. Em outros tópicos escreve-se o jornalismo e a publicidade.

Enfocando outras áreas científicas, por exemplo, na medicina, os tratados são de medicina, jamais sobre o médico. De engenharia, dificilmente sobre o engenheiro, de odontologia e nada referente ao dentista. Cito apenas alguns exemplos. Pode-se fazer um exercício de memória e procurar em outras disciplinas que, certamente, serão comprovadas estas idéias aqui colocadas.

O tratamento, referindo-se ao profissional, vincula-se aos aspectos éticos e à profissiografia. Nestes casos a ótica cai sobre o ser humano, não sobre o processo e a gestão do mesmo.

Os aspectos causadores desses vieses são vários. Um deles seria a polissemia do termo, ou seja, os vários significados que o termo expressa: processo, função, disciplina, cargo, atividade e profissional. Todos podem ser designados por Relações Públicas. Como todos são designados por Relações Públicas, cai-se no hábito inconsciente de misturar os significantes, utilizando-se um mesmo termo para os vários objetos. Quando se pergunta o que é Relações Públicas ocorre a tendência de

se ir ao objeto material: o profissional. Quando se deveria enquadrá-lo com outro determinante. Mas qual? Não existe outro como na área da saúde, onde se tem o médico e a medicina.

Além do que, como se tem a dificuldade de definir conceitualmente o que seja Relações Públicas em razão das mais de 427 definições, conforme Priess, (1997), desvia-se para a prática do profissional.

Relações Públicas não é isto, nem aquilo

Outra variável, porém, não sei se como efeito ou como causa, seria o estereótipo forte com respeito ao profissional. Quando se fala em Relações Públicas, os leigos e até muitos profissionais e professores, quando desejam, com a melhor das intenções, definir Relações Públicas, o fazem utilizando a negação, ou seja, o que não é Relações Públicas. Explicam que a mesma não é evento, não é coquetel, não é “copo na mão”, não é tráfico de influência, não é tarefeiro, não é “apagar incêndio”, não é promotor. (1) Esquecem-se de esclarecer o enfoque estratégico da micropolítica no sistema organização-públicos. (2) Burlam a norma de definição: evitar definir pelo negativo, pois é infinito o número de coisas que não são Relações Públicas. Veja-se Copy, (1974, p. 133).

A terceira variável, sem implicar ordem de valor, tem-se professores que, sem consciência do fenômeno, continuam em suas classes enfocando o Relações Públicas sem qualquer análise crítica. Ensina-se, repetindo relatórios pseudocientíficos, transferindo pressupostos equivocados e alinhando-se a proposições estapafúrdias.

A causa última, mas não a menos relevante, a incapacidade do ser humano em abstrair, principalmente aqueles que não foram iniciados na linguagem científica. Uma amostra bem significativa de alunos tem dificuldades de sair do aspecto concreto, que o conceito O Relações

Públicas condiciona, para atingir o terceiro nível de abstração que a teoria exige. Fica-se no Relações Públicas, pois não se é capaz de imaginar a abstrata linguagem da teoria e do conhecimento científico. Fica-se na prática e exclusivamente nela, bloqueia-se a teoria.

As e Das Relações Públicas

Outro problema, vinculado diretamente ao fenômeno anterior, talvez até causa do mesmo, é o uso dos artigos definidos e possessivos nos discursos sobre o tema. Encontra-se “As Relações Públicas...” ou “...das Relações Públicas” significando inúmeros objetos. Ocorre que As Relações Públicas não existe no genérico. O termo Relações Públicas escreve-se no plural, mas significa um singular. Salvo melhor juízo, utilizando um termo do direito e preparando minha defesa para as críticas que gostaria de receber – somente se for para identificar o fenômeno do relacionamento público, ou seja, as relações com os públicos, isto é, o processo. Mais intrigante ainda é que neste caso o termo é definido por um artigo feminino e implica um masculino. Trata-se de um substantivo de dois gêneros e dois números.

RP ou RRPP

Relacionado a este ponto está o uso da sigla Relações Públicas. É tradição abreviar-se Relações Públicas com duas letras RP, confundido-se com várias siglas de outros termos. Rádio Patrulha, por exemplo. Ocorre que este termo só existe no plural, situa-se na esfera dos princípios do Pluralia Tantum. Isto é, termos que somente existem no plural e, como tal, a abreviatura de alguns deve, pelo princípio, ser realizada com a duplicidade de letras. Portanto: RRPP.

As sugestões em termos de considerações finais

Após o arrazoado anteriormente exposto, submeto à reflexão e crítica da comunidade de Relações Públicas o que se segue:

- Tratar Relações Públicas, antes de tudo, como um processo político no sistema organização-públicos, que necessita ser administrado, por uma atividade profissional, assim como são compreendidos e administrados os processos de marketing, de finanças, de produção, de recursos humanos e de pesquisa e desenvolvimento.

- Colocar um determinante antes do termo, tais como: o processo de RRPP, a atividade de RRPP, a disciplina de RRPP e até mesmo o profissional de RRPP, nas situações antes mencionadas.

- Evitar o uso de As Relações Públicas e Das Relações Públicas. Entendendo que não existe As Relações Públicas, mas o processo, a gestão, a teoria, o cargo de Relações Públicas. Enfim, todas as utilizações do termo estão no singular. Logo, a melhor preposição em lugar de DAS será DE. Exemplos: A ação de Relações Públicas. O público de Relações Públicas.

- Utilizar os artigos O e OS somente quando Relações Públicas se referir à profissiógrafia ou a aspectos éticos referidos a alguém em particular ou à situação de profissionais. Veja-se que, tanto com o artigo O no singular ou no plural Os, o termo Relações Públicas não varia.

- Abreviar o termo Relações Públicas com duplicidade de letras RRPP.

Considerações finais

Fala-se muito que Relações Públicas não é valorizada e, portanto, não é institucionalizada como a comunidade desta área gostaria que fosse. Entenda-se por instituição o mesmo que North (1990, p.3):

“Instituições são as regras do jogo em uma sociedade ou, mais precisamente, são as restrições delineadas pelo homem que dão forma à interação humana. Em conseqüência, elas estruturam os estímulos no intercâmbio humano, seja social, econômico ou político.”

Não será que isto ocorre, também, porque não se sabe dizer e escrever adequadamente sobre o termo e seu significado? Desde já se cai no paradoxo: Se a instituição Relações Públicas, tendo por instrumentos a comunicação e o exercício de poder, objetiva a institucionalização de valores societários, por que ela não consegue institucionalizar-se ?

Referências

COPY, Irving. Introdução à Lógica. São Paulo: Mestre Jou, 1974.

NORTH, Douglas. Institutions, Institutional changes and economic performance. Cambridge (UK): Cambridge Press, 1990.

POPPER, Karl. A lógica da pesquisa científica. São Paulo: Cultrix, 1974.

PRIESS, Frank. Contribuciones 2/97 – Konrad Adenauer – Stiftung. Ano XIV, n. 2(54), abr/jun de 1997.